

ALIANÇA NATURAL

POVOS DAS COLONIAS -

POVO PORTUGUÊS



(...)O CONGRESSO REAFIRMA A SOLIDARIEDADE TOTAL DA FRELIMO E DE TODO O POVO MOÇAMBICANO COM TODAS AS FORÇAS QUE LUTAM CONTRA O COLONIALISMO, IMPERIALISMO E EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM(...)

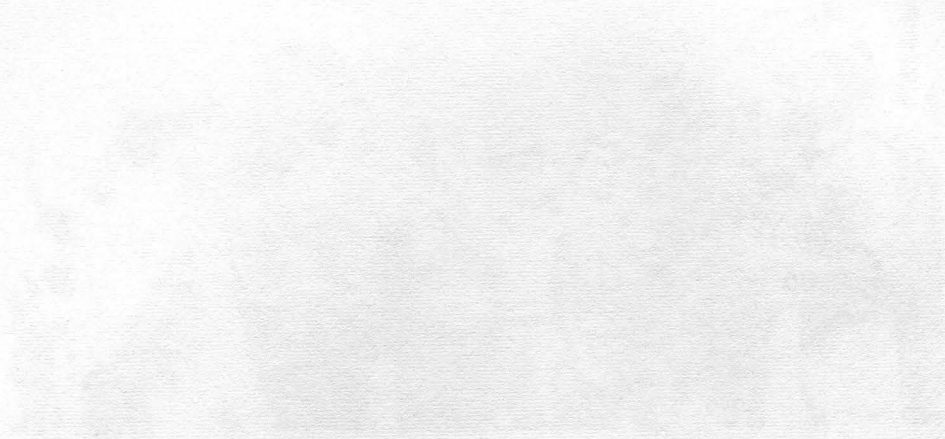
(da Declaração Geral do II Congresso)

CADERNOS "25 DE JUNHO"

ALIANÇA NATURAL

POVOS DAS COLÔNIAS

POVO PORTUGUÊS



ALIANÇA NATURAL
POVOS DAS COLÔNIAS
POVO PORTUGUÊS

ALIANÇA NATURAL

CADERNOS Nº 25 DE JUNHO

"(...) factor determinante da situação em Portugal e nas colónias é, e continua a ser, a luta dos nossos povos, e o problema fundamental sem o qual nenhuma solução será possível é o da independência dos povos de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde, assim como as restantes colónias portuguesas."

(in Declaração do Comité Executivo da FRELIMO sobre os acontecimentos em Portugal aquando do 25 de Abril)

"(...) limite é o colonialismo, o sistema colonial, é ainda o imperialismo, que sustenta o primeiro, sendo até o inimigo principal(...)."

(Agostinho Neto)

"(...) os povos das colónias são amigos, aliados, camaradas de armas do povo português. Os exploradores e opressores do povo português são os mesmos que exploram e oprimem o povo colonial. Os povos das colónias e o povo português lutam contra o mesmo inimigo: o governo fascista que serve os monopólios nacionais e estrangeiros(...)."

(in "Mozambique Revolution", nº 18, Maio 65)

"(...) No seio do povo português desde há muitos anos se tinha vindo a manifestar a oposição em relação à guerra colonial. Esta oposição crescente reflecte a tomada de consciência de que a opressão do nosso povo, assim como dos povos de Angola, Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe e outras colónias, não beneficia os interesses do povo português, e de que a nossa luta armada de libertação é uma luta justa porque nós nos batemos pela conquista dos nossos direitos fundamentais à independência e à liberdade. O povo português que já perdeu muitos dos seus filhos na guerra colonial de repressão, compreende que esta guerra não corresponde à defesa dos seus interesses, mas sim aos das grandes companhias monopolistas portuguesas e estrangeiras que exploram o povo português assim como os povos das colónias. Neste momento, nós saudamos o combate de todos os democratas anti-fascistas portugueses que corajosamente tomaram e continuam a tomar posições claras contra a guerra colonial e pela nossa independência. Esta tomada de consciência é, pois, ^{devida} em primeiro lugar, à determinação dos nossos povos que não exitaram em afrontar os mais duros sacrifícios para conquistar os seus direitos essenciais (...)."

(Samora Machel in "A voz da Revolução" nº 21, Jan.-Abril 1974)

"(...) Os jovens que se engajaram na acção destinada a pôr termo a 48 anos de ditadura ininterrupta em Portugal agindo no sentido das aspirações do povo português à realização dos seus direitos legítimos à democracia, liberdade e independência real, são os mesmos jovens que levados a bater-se contra o nosso povo compreenderam nas colónias a injustiça da guerra em que estavam envolvidos e a natureza do regime que os levava a dar a sua vida pela defesa de interesses que eram contrários aos interesses do seu povo."

(...)

Para o povo moçambicano, sob a direcção da FRELIMO, a definição correcta do inimigo sempre constituiu um princípio essencial: O inimigo do povo moçambicano não é o povo português, ele próprio vítima do fascismo, mas o sistema colonial português. E o próprio exército português foi levado a compreender que não defendia os interesses do seu povo na guerra colonial ao sentir a desafeição crescente da opinião portuguesa em relação à guerra que trava nas colónias.

Se a nossa luta representou uma contribuição à luta do povo português contra o fascismo e para a conquista do seu direito à democracia a FRELIMO não pode senão felicitar-se de para isso haver contribuído.

Mas, do mesmo modo que o povo português tem direito à independência e à democracia não poderá negar ao povo moçambicano os mesmos direitos. E por esses direitos elementares, mas essenciais, que nos batemos. Os objectivos da FRELIMO são bem claros: a independência total e completa do povo moçambicano, a liquidação do colonialismo português. O povo moçambicano constitui uma entidade distinta do povo português, possui a sua própria personalidade política, cultural e social que só pode ser realizada pela independência de Moçambique. Não nos batemos para sermos portugueses de pele preta. Batemo-nos para nos afirmarmos enquanto moçambicanos, sem que tal signifique contudo desprezo pelo povo português ou qualquer outro povo.

A FRELIMO reafirma a este propósito o princípio de cooperar plenamente numa base de independência, igualdade, respeito e interesse mútuo com todos os povos do mundo.

A FRELIMO reafirma ainda claramente que a definição de moçambicano não corresponde a uma cor de pele ou origem racial, étnica, religiosa ou outra: são membros de FRELIMO todos os moçambicanos que aderem ao seu programa de luta contra o colonialismo português pela independência de Moçambique. A FRELIMO não é uma organização racial, não faz uma luta racial.

Os combatentes da FRELIMO não são profissionais de guerra. São o povo moçambicano em armas. São, antes de mais, militantes políticos que pegaram em armas para pôr termo à violência quotidiana da dominação, da exploração, da opressão colonial.

Cabe ao governo português tirar completamente as lições da experiência passada e compreender bem que só pelo reconhecimento do direito do povo moçambicano, dirigido pela FRELIMO, seu autêntico e legítimo representante, à independência, se poderá pôr termo à guerra.

Qualquer tentativa de iludir o problema real só terá como consequência causar novos e escusados sacrifícios.

A via para a solução do problema é clara: reconhecer o direito do povo moçambicano à independência.

Se porém o objectivo do golpe de estado é o de encontrar novas fórmulas para perpetuar a opressão sobre o nosso povo, que os governantes portugueses saibam que se defrontarão com a nossa firme determinação. O povo moçambicano ao longo de dez anos de luta heróica, consentiu pesados sacrifícios e derramou o sangue dos melhores dos seus filhos para defender o princípio inalienável da sua soberania como nação livre e independente.

Não poderemos aceitar que a democracia para o povo português sirva como cobertura para impedir a independência do nosso povo. Assim como a época de Caetano demonstrou amplamente que não existe fascismo liberal, é necessário compreender claramente que não há colonialismo democrático.

Neste momento, que todas as forças solidárias do povo moçambicano e dos povos de Angola, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde continuam a agir para que seja reconhecido o nosso direito à independência completa e permaneçam vigilantes perante quaisquer manobras visando bloquear o processo da nossa libertação total, vindas tanto da parte do governo português como dos regimes da África do Sul e da Rodésia racistas.

Importa ainda que as forças que apoiam a nossa luta reforcem a sua ajuda em todos os planos aos movimentos de libertação para que se possam concretizar com o fim de colonialismo português, as aspirações dos nossos povos que são as de toda a Humanidade."

(Declaração do Comité Executivo da FRELIMO acerca dos acontecimentos do 25 de Abril)

"O fenómeno neo-colonialista mostrou-nos que não se pode duvidar da relação estreita que existe entre a nossa luta e a luta da classe operária internacional"

"Após a II Guerra Mundial, o imperialismo entra numa nova fase; por um lado, adopta uma nova política de auxílio, concedendo a independência aos países ocupados, por outro lado concentra os investimentos preferenciais nos países europeus.

Esta atitude constitui uma tentativa de racionalização do imperialismo que provocará a prazo mais ou menos longo se é que não desde já reacções do tipo nacionalista nestes mesmos países europeus. Como vemos o neo-colonialismo (a que podemos chamar colonialismo racionalizado) constitui uma derrota ainda mais para a classe operária internacional do que para os povos das colónias.

O colonialismo age agora em duas frentes ao mesmo tempo: em África e na Europa. O intuito essencial do auxílio que ele nos concede é o de criar uma falsa burguesia destinada a travar a revolução e o de alargar as possibilidades desta burguesia para que ela se comporte como neutralizante. Quanto aos investimentos de capitais no Ocidente (França, Itália, etc.) visam, na nossa opinião, o desenvolvimento e a consolidação da aristocracia operária e o alargamento do campo de acção da pequena burguesia, seguindo-se em consequência um notável atraso da revolução.

Considerando que os problemas devem ser analisados nesta perspectiva. Queria afirmar mais uma vez que o imperialismo ou "capitalismo em putrefacção", com o fim de se perpetuar, utilizará de instrumento para fazer e desfazer Estados; em seguida matará os fantoches, quando estes se tornarem inúteis, e criará, se for caso disso, um socialismo que alguns se apressarão a chamar neo-colonialismo.

O fenómeno neo-colonialista mostrou-nos que não se pode duvidar da relação estreita que existe entre a nossa luta e a luta da classe operária internacional; mas antes de encetar uma aproximação entre o nosso campesinato e o movimento operário internacional, impunha-se primeiro tentar multiplicar os contactos entre este campesinato e os nossos próprios assalariados. A situação colonial já antiga da América Latina e a posição do proletariado norte-americano i lustram bem a ausência de tais contactos."

"Na Guiné nós lutamos de armas na mão; lutai, também vós, não digo de armas na mão, não digo de que modo, porque o problema é vosso, mas é preciso encontrar o meio e a forma de lutar contra o inimigo comum; será a melhor prova de solidariedade que nos podeis dar."

"Pensamos também que a esquerda europeia e os movimentos operários internacionais deveriam reconhecer as suas responsabilidades intelectuais no estudo e na análise da situação concreta dos nossos países. Trata-se precisamente de um contributo necessário, porque nos faltam instrumentos para a nossa própria análise. Além disso, impõe-se apoiar materialmente os movimentos de libertação autenticamente revolucionários. Em resumo: estudo e análise dos movimentos, luta por todos os meios possíveis contra tudo o que possa ser utilizado para a repressão contra os nossos povos; Penso em particular na expedição e venda de armas, etc. Queria, por exemplo, que os amigos italianos sobessem que apreendemos aos portugueses armas italianas, sem falar, naturalmente, das armas francesas. É preciso ainda desmascarar corajosamente todos os meios de libertação nacional submetidos ao imperialismo (...). Creio também que são a esquerda e movimentos operários internacionais que devem chamar à responsabilidade os Estados que reivindicam o socialismo, e denunciar abertamente todos os Estados neo-colonialistas.

Penso que é bom lembrar à esquerda ocidental, e mais particularmente aos seus elementos jovens,

que ela se deve preparar para uma actividade militante simultaneamente de estudo e de acção concreta nos países do terceiro mundo(...).

Queria, para concluir, acrescentar algumas palavras sobre a solidariedade entre os movimentos operários internacionais e a nossa luta de libertação nacional. Das duas uma; ou admitimos que cada um está interessado na luta contra o imperialismo, ou recusamos admiti-lo. Se é verdade, como tudo leva a crer, que existe o imperialismo cujo objectivo é, ao mesmo tempo, dominar a classe operária mundial e abafar os movimentos de libertação nacional dos países subdesenvolvidos, devemos ver nele um inimigo comum contra o qual temos de lutar em conjunto. É vão discutir longamente sobre a solidariedade, pois que de facto se trata de luta. Na Guiné nós lutamos de armas na mão; lutai também vós, não digo de armas na mão, não digo de que modo, porque o problema é vosso; mas é preciso encontrar o meio e a forma de lutar contra o inimigo comum; será a melhor forma de solidariedade que nos podeis dar.

Existem naturalmente outras formas secundárias de solidariedade: publicação de artigos, envio de medicamentos, etc.; Posso-vos assegurar que se um dos vossos países conseguir travar uma luta consequente e se, amanhã, na Europa, vos encontrar-des em conflito aberto contra o imperialismo, tam-

bém nós vos enviaremos medicamentos, ou não uma forma de luta; só pedimos que Mas também aí cabe a vós decidir se nunca se confunda estratégia geral de a coexistência pacífica representa luta e tática de luta."

(Amílcar Cabral in Textos Políticos)



MENSAGEM AOS SOLDADOS

Esta mensagem é destinada aos soldados portugueses, aqueles soldados que vieram de longe, de muito longe, de outro continente. Invadiram as nossas terras e estão a matar o nosso povo, a queimar os nossos campos, a violar as nossas irmãs.

SOLDADO PORTUGUÊS, queremos dizer-te que o que tu estás a fazer é mal feito, é desumano, é cruel, é criminoso. Pensa bem: se nós saíssemos da nossa terra, da África e fôssemos invadir a tua terra na Europa, como é que tu te sentirias?(...) Aceitarias tu ser humilhado, batido, roubado, acorrentado, sem te revoltares? NÃO, tu não agirias assim, tu haverias de pegar em armas e lutar contra o invasor. Os teus antepassados fizeram isso quando foram invadidos pelos árabes, pelos espanhóis, pelos franceses, eles lutaram heróicamente para defenderem a sua independência, recusaram submeter-se a um poder estrangeiro. E é isso precisamente o que estamos a fazer(..)

(...) É tempo de fazer um exame de consciência. Tu és homem como nós, tu não nasceste criminoso: são aqueles que te mandaram para a guerra que te tornaram criminoso. O povo português, o teu povo, é honesto e trabalhador, não é um povo de assassinos. Nós sabemos isso. Porque então tu vens matar o nosso po

vo? Tudo que queremos é viver em paz, na nossa terra africana, como donos da nossa terra. Temos esse direito. (...)

(...) E para que é que tu lutas? Disseram-te que tu vinhas defender a tua Pátria, mas a tua Pátria é Portugal, não Moçambique, nem Angola, nem a Guiné. Cada um destes países é uma pátria diferente da tua, com um povo diferente e com costumes, e tradições e história diferentes. Viste algum moçambicano ou angolano, ou guineense ameaçar a tua verdadeira Pátria, que é Portugal? (...)

(...) a única razão que leva os dirigentes do teu país a fazerem a guerra contra nós, é que eles não querem devolver-nos as riquezas que nos foram roubadas há muito tempo. Talvez não saibas, SOLDADO PORTUGUÊS, mas a verdade é que Portugal é governado por uma minoria de 27 famílias. Essas 27 famílias controlam todas as riquezas de Portugal e das colónias. Elas são donas das terras, das fábricas, das minas, do comércio. O resto, a quase totalidade do povo português vive na miséria. Não precisamos de dizer, tu sabes melhor que nós (...). E não roubam e exploram só o povo português: eles estendem esse roubo aos nossos povos, a Moçambique, a Angola, à Guiné. E agora que os nossos povos decidiram dizer BASTA à opressão e à exploração, eles enviaram-te a ti, SOLDADO PORTUGUÊS para defendê-los para eles as riquezas da nossa terra.

Porque, de facto, o que é que tu lucras das riquezas de Moçambique? NADA, absolutamente nada. (...) são os grandes capitalistas que apréveitam. E eles não vão para a guerra, ficam em Lisboa ou em Lourenço Marques, em segurança, e mandam-te a ti para o mato, onde a morte te espreita em cada arbusto (...), só para salvaguardar os interesses dos grandes capitalistas (...).

(...) SOLDADO PORTUGUÊS, nós não queremos influenciar-te a tomar uma decisão (...). Se achas que estás a fazer bem, fazendo a guerra, assassinando o nosso povo, então continua. Mas se, segundo a razão e a justiça, compreendes que a luta que estás a travar é injusta, imoral, e queres pôr termo a ela, então deserta para o nosso lado. Já vários soldados portugueses desertaram e acolheram-se à protecção da FRELIMO (...).

É esta a nossa política: acolher como nossos irmãos, como nossos aliados, os soldados portugueses que desertaram e que, por esse acto mostraram opôr-se à política colonial, contra o nosso povo (...)

(...) Numa reunião com o povo, há poucas semanas, o Presidente da FRELIMO disse: " Se algum de vocês maltratasse um soldado português que desertou ou se rendeu, isso seria um crime tão grande como matar ou maltratar um camarada, um irmão nosso." Também nós nunca definimos o inimigo pela cor da pele, ou pela origem, ou nacionalidade. Há pretos que lutam contra nós ao lado dos colonialistas. A cor da pele, portanto, não pode ser critério para definição do inimigo.

Acerca de refractários sabe-se que em 1970 para 91000 chamadas à inspecção militar faltaram 25%, isto é, cerca de 28800. Só em França havia em fins de 1971 60000 refractários e 10000 desertores declarados.

Américo Neves de Sousa- 28 anos, exerceu as profissões de sapateiro e de alfaiate. Emigrou ilegalmente para França aos 18 anos, tendo sido incorporado no exército colonial quando regressou. Esteve na Guiné e em Angola antes de ir para Moçambique (Nampula e , depois, Mueda). Entregou-se à FRELIMO em Outubro de 1968.

"Desertei porque estava consciente de que a guerra é desumana, que nós não temos o direito de lutar contra um povo que quer a sua liberdade. Desertei também porque era tratado como um escravo no exército português: já lá estava há 8 anos(...) Sei que algumas pessoas me acusarão de ter traído; fui quem fui traído assim como é todo o povo português.

Na caserna os oficiais costumavam dizer que se alguém se perdesse no mato, estava perdido; morria de fome e sede ou seria morto pelos "bandidos da FRELIMO".

Manuel de Jesus Santos- 22 anos, mercenário como o pai, foi incorporado aos 19 anos. É mobilizado para Moçambique e promovido a cabo, tendo sido despromovido por indisciplina.

Colocado em Mueda, deserta pelos maus tratos de que era objecto no exército português.

"Desertei do posto de Mueda. Os soldados são tratados como cães. Eu desertei também por causa da maneira como eu via ser tratado o povo moçambicano (...). Uma das coisas que mais me revoltava era ver bater num moçambicano só porque não falava português(...). Fiquei surpreendido ao chegar aqui, pois esperava encontrar russos, chineses, cubanos, argelinos, tanzanianos como os oficiais nos tinham dito em Mueda. Eles diziam que as dificuldades da guerra provêm do facto de haver estrangeiros a combater... Se fossem só moçambicanos eles seriam facilmente dominados"

José Inácio Bisco Catarino- Cabo 2178, desertou do exército colonial fascista. Nasceu em Évora a 7-5-43. Trabalhador rural desde criança ao mesmo tempo que frequentava a escola primária.

Aos 11 anos teve de deixar de estudar e arranjar emprego como pastor de um latifundiário que só lhe dava alimentação. Aos 14 anos emprega-se como aprendiz de mecânico com o salário de 25\$00 por dia, trabalha 7 anos com o mesmo pagamento. Razões da deserção:

"Desertei porque nós, portugueses, tomamos pela força uma terra que pertence ao Povo africano. Agora eles querem a sua terra. Porque é que havemos de combater contra eles? Eu não posso combater ao lado dos portugueses porque sei que eles estão a fazer mal. Vi muitos dos meus companheiros morrerem, todos eles morreram por uma causa que não era a sua (...). Gostaria de ser capaz de falar a tod~~o~~ o Povo português em particular aos soldados e dizer-lhes que o que os oficiais lhes dizem é mentira, que nós não lutamos para defender Portugal mas para roubar a terra que é de outro Povo. Que aqueles que lutam contra nós são os verdadeiros donos da terra, que querem retomar o que lhes pertence e que o único caminho que podemos seguir é evitarmos ser criminosos, é recusar lutar".

Joaquim Morais - Capitão do exército colonial português em Moçambique Comandava 166 homens.

"Porque desertei?: não podia o bedecer a ordens para queimar aldeias africanas...

Se se tratasse de defender Portugal, eu fá-lo-ia de f~~o~~a vontade. Mas em Africa nós não defendemos Portugal. Trata-se sim de uma guerra de agressão contra gente inocente que não quer aceitar a nossa chamada civilização. Os africanos têm que defender-se. O governo português fere tanto Moçambique como Portugal com esta guerra".

2 PRISIONEIRO

João Borges Gomes - 22 anos. Frequentou e escola até aos 13 anos e depois trabalhou nos campos até aos 21, idade em que foi incorporado. Feito prisioneiro no Chai (Cabo Delgado, Moçambique), a 7 de Março de 1969, na sequência de um ataque da Frelimo no próprio dia da chegada ao aquartelamento. Sendo-lhe perguntado o que fazia em Moçambique, se tinha vindo defender o seu país, respondeu: "Não, vim como vêm todos os soldados portugueses, obrigados! Não temos nada a defender aqui. Vocês da FRELIMO defendem o vosso país, Moçambique, lutam pela liberdade. Nós não sabemos porque lutamos, recebemos ordens."

Fernando Santos Rosa - 24 anos, casado, um filho. Após dois anos de escola primária trabalha como pastor e depois nos campos. Foge para França em 1965 para evitar a incorporação. Volta a Portugal a salto por razões familiares e de retorno a França é apanhado pela policia espanhola que o entrega às autoridades portuguesas. Fica preso e é depois incorporado. Vai para Moçambique e é feito prisioneiro a 14 de Março de 1969.

"Os oficiais falavam-nos constantemente da selvajaria da FRELIMO Sabemos agora que isso é falso! O que é que os soldados portugueses defendem aqui? Lutamos porque somos obrigados(...) o que nós queríamos era voltar para as nossas famílias (...). Isto aqui não é Portugal!"